

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

EDITOR E PROPRIETARIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números — No concelho de Tavira. . . 8\$00
> > 10 > — Para outras localidades . . . 9\$90

Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

Obra de colaboração

O poeta taviense

Emiliano da Costa

vai ser homenageado

DE acordo com o preceituado pela letra da Constituição Política, iniciou já os seus trabalhos a Assembleia Nacional, que assim entrou na II sessão legislativa da IV Legislatura. Logo na primeira sessão, ao recordar o êxito admirável que foi a visita do sr. Presidente da República a algumas das nossas províncias do Ultramar, a nossa Câmara Política, pondo em relevo o alto valor da nossa política de unidade nacional, afirmou, uma vez mais, o propósito de continuar a sua meritória acção de íntima e forte colaboração com o Governo. Esse mesmo espírito se afirmou, de resto, no anúncio do aviso prévio do sr. capitão Teófilo Duarte acerca da nossa política de soberania na Índia.

Assim se continua afirmando a excelência do nosso Regime.

Estamos longe, felizmente, daquele tempo em que o Parlamento longe de ser um elemento de colaboração e activa cooperação com o Governo era, antes e apenas, um elemento da pior e mais detestável perturbação.

Nesse tempo, porém, vivia-se em pleno domínio dos partidos, relegando o interesse nacional para plano inteiramente secundário. Felizmente, os tempos mudaram e o que era elemento de perturbação pôde passar a ser, como é, instrumento de forte activa e útil colaboração.

É o que dizemos da Assembleia Nacional, por excelência a Câmara política, podemos afirmá-lo, também com inteira e absoluta verdade da Câmara Corporativa, cuja acção de préstimo sobre modo valiosa, nunca é demais pôr em relevo justo e merecido. Assim, o Parlamento do Estado Novo, ao contrário do que acontecia no outro tempo, realiza uma obra da maior, mais prestimosa e louvável utilidade.

Almeida Garrett

A Comissão Cultural da Casa do Algarve, no prosseguimento das suas actividades leva a efeito, no próximo dia 7 uma sessão em que será evocada a figura de Almeida Garrett.

Usará da palavra o ilustre escritor e jornalista sr. Julião Quintinha que versará o tema «Garrett e o Algarve», seguindo-se um recital de poesia do homenageado pela distinta declamadora sr.ª Dr.ª D. Maria Helena Farmhouse da Graça Mira.

Dr. Mário Lyster Franco

Foi nomeado delegado da 2.ª Subsecção da 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação, no concelho de Faro, por despacho do sr. Ministro da Educação Nacional, o nosso querido amigo sr. Dr. Mário Lyster Franco, ilustre escritor algarvio e director do nosso prezado colega «Correio do Sul». Por tal motivo, felicitamo-lo muito sinceramente.

Cortejo de Oferendas

em FARO

O 4.º Cortejo de Oferendas, realizado no passado domingo em Faro, a favor do Hospital da Misericórdia daquela cidade, decorreu com brilhantismo, tendo rendido cerca de 200 contos.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

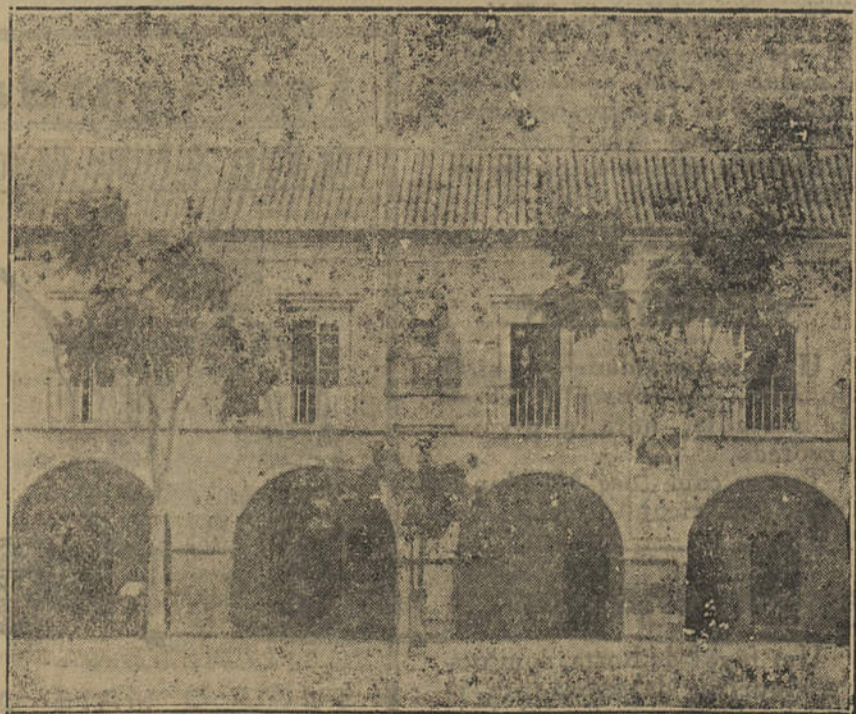
Iniciaram-se as obras de restauro dos Paços do Concelho

CHEGOU o momento do camartelo começar a demolir o velho edifício dos Paços do Concelho.

Iniciaram-se há dias as obras de restauro daquele arcaico edifício, cuja traça dava certa imponência à Praça da República.

Trata-se de dar execução a uma velha aspiração do Município, e a cidade, pouco acos-

aqueles velhos telhados comidos pelos anos e a desmantelar aquela frontaria, testemunha impassível de tantos factos célebres ocorridos na



Antigo edifício dos Paços do Concelho

tumada a presenciar obras de grande envergadura, não se mostra indiferente ao ver apear

velha Balsa. Um montão de ruínas e recordações! Um acontecimento na vida

O PASSADO E O PRESENTE

MUITAS teorias científicas, que provocam o sensacionalismo dos nossos dias como inovações ultra-modernas, foram conhecidas da Grécia, em cujos mestres têm legítimos fundamentos. Em matéria de doutrinas sociais, grandes ensaios foram realizados, divulgando-se a mais farta colheita de ensinamentos; e quando meditamos no conflito moderno entre os estado totalitários, fascistas ou comunistas e os republicanos democráticos, devemos volver os olhos ao passado, revendo Atenas e Esparta como dois símbolos políticos que nos fazem pensar na plena actualidade da Grécia antiga.

por Damião de Vasconcelos

«A quem sai este rapaz?»

É este o título de um pequeno e interessante folhetim que o «Povo Algarvio» inicia hoje a publicação, da autoria do nosso prezado colaborador sr. J. Preto Guerra.

vam alguns dos versos que lhe dedica, por isso não seria demais ter o seu nome gravado numa das ruas da terra que o viu nascer.

Daqui endereçamos, ao inspirado autor dos «Heliantos», um afectuoso abraço de cordiais saudações.

Os espartanos, sob o regime atribuído a Licurgo, nome que constitui apenas uma representação simbólica dos generais da época, vivendo a existência absoluta do Estado, não expressaram a mesma fisionomia da Alemanha de Hitler e da Rússia actual? A legislação de Esparta proibia o comércio, condenava a cultura; cerceando o gosto pessoal em face das bagatelas encantadoras da vida e do sentimento, decretou medidas de insulamento, maltratando os estrangeiros; instituiu a uniformidade dos vestuários, incumbiu-se da educação das crianças através dos órgãos do Estado, mas não cultivava a parte intelectual, abalando todo o edifício sagrado da família e criando, muitas vezes, o regime do roubo e da delação em detrimento das mais nobres finalidades da vida.

Por essa razão, Esparta passou à história como um simples povo de soldados espalhando a destruição e os flagelos da guerra, sem nenhuma significação construtiva para a humanidade. Tal como a Alemanha e a Rússia de hoje.

Atenas, ao contrário, foi o berço da verdadeira democracia. Povo que amou profundamente a liberdade, a sua dedicação à cultura e às artes, iniciou as outras nações no culto da vida, da criação e da beleza. Os seus legisladores, como Solon, eram filósofos e poetas, reformaram todos os sistemas sociais conhecidos até então, protegendo as classes pobres e desvalidas, estabelecendo uma linha harmónica entre todos os departamentos da sociedade, acolhendo os estrangeiros, protegendo o trabalho, fomentando o comércio, as indústrias, a agricultura.

Lá começou o verdadeiro regime de consulta à vontade do povo, que decidia, em assembleias numerosas, todos os problemas da cidade venerável. É fácil reconhecer aí o início das democracias modernas, que agora se organizam nas transições do século XX, para a repressão de todas as doutrinas nefastas da força e da violência ao serviço dos

Continua na 2.ª página

realização deve-se, sem dúvida, ao sr. Capitão Jorge Ribeiro, actual presidente do Município.

Sentimo-nos satisfeitos com o facto, pois temos sempre pelejado, não só em prol deste como de tantos outros melhoramentos de que a cidade tanto carece.

O PASSADO E O PRESENTE

Continuação da 1.ª página

laços odiosos da vaidade e da ambição.

A contrapor a estes imperia-
lismos, organizaram-se as li-
nhas evolutivas das naciona-
lidades que terão de florescer
na derrocada. Nesse campo de
lutas novas e regeneradoras,
todos os espíritos de boa von-
tade podem e devem trabalhar
pelo advento da paz e da fra-
ternidade do futuro humano,
e foi por isso que, laborando
para os séculos vindouros, se
definiu o papel de cada região
no Mundo, localizando o cére-
bro da nova civilização nos
Estados Unidos da América
do Norte, e o seu coração nas
extensões da terra farta e aco-
lhedora do Brasil. O primeiro
guarda os poderes materiais;
o segundo detém as primícias
dos poderes espirituais, com
vistas à civilização planetária
de futuro, afirmam sociólogos
de renome.

Para esses países se voltam
os olhares esperançosos de
numerosas entidades da Eu-
ropa, cansadas das lutas in-
glórias de hegemonia e de am-
bição, buscando a redenção
no esforço construtivo de uma
nova pátria em lares sólidos
de fraternidade e de amor, or-
ganizando-se, desse modo, en-
tre os povos americanos, códi-
gos e sentimentos mais aper-
feiçoados, dentro da compre-
ensão da comunidade continen-
tal. Se reconhecemos na
América a projecção espiritual
da Europa, temos de convir
de que se trata de uma Euro-
pa mais sábia e mais experien-
te, não só quanto aos proble-
mas da concórdia internacio-
nal e da solidariedade huma-
na, como também em todas as
questões que significam os ver-
dadeiros bens da vida.

E para o hemisfério do No-
vo Mundo afluem todas as en-
tidades conclamadas à organi-
zação do progresso futuro.

Muitas dessas personalida-
des adquiriram o senso da fra-
ternidade e da paz, depois de
muitas lutas no antigo conti-
nente. Exaustas de procurar a
felicidade nos limites estreitos

dos sentimentos exclusivistas,
sentem no íntimo as generosas
florações de reformas edifican-
tes, compreendendo a verda-
deira solidariedade na comu-
nidade universal.

Nestes tempos dolorosos em
que as mais penosas transições
se anunciam ao nosso espírito,
só a Fraternidade pode repre-
sentar o valor moral, onde en-
contre o apoio necessário à
edificação do porvir. Enquan-
to os utopistas da reforma in-
terior se entregam à tutela dos
ditadores impiedosos, como os
da Rússia e da Alemanha, de-
pois de sinistras aventuras re-
volucionárias, prepara-se o
mundo de amanhã para o
Amor Fraternal de todos os
povos.

Porque se o nosso século
surgiu no horizonte do globo,
qual arena ampla de lutas re-
novadoras, as teorias sociais
continuam o seu caminho, to-
cando muitas vezes a curva
tenebrosa do extremismo, mas
preludiando a paz e a luz da
nova-era; e numerosas trans-
formações são aguardadas, re-
novando a personalidade espí-
ritual das criaturas para o fu-
turo que se aproxima.

E então a Terra ver-se-á li-
vre das entidades endurecidas
no mal, porque o homem da
radiotelegrafia e do transatlân-
tico precisa de alma e senti-
mento, a fim de não preverter
as sagradas conquistas do pro-
gresso.

Para esse desiderato gran-
dioso, apresta-se a América,
no afã de elucidação dos no-
bres deveres continentais. O
esforço sincero da cooperação
no trabalho e da construção
da paz não é ali uma utopia,
como na Europa saturada de
preconceitos multisseculares.

Nos campos exuberantes do
continente americano estão
plantadas as sementes de luz
da árvore maravilhosa da ci-
vilização do futuro.

O «Povo Algarvio» vende-se
em Lisboa, no Parque Mayer,
na Tabacaria Júlio da Silva.



Pela Cidade

Centro Escolar n.º 1 (Ex-
ternato de N. S. das Mercês)
— Este Centro fez-se represen-
tar nas comemorações do 1.º
de Dezembro, em Faro, tendo
tomado parte no desfile e nos
demais actos festivos do «Dia
da Mocidade».

Também foi últimamente
visitado pelos serviços de ins-
pecção da Delegação Provin-
cial.

Farmácia de serviço—Está
de serviço urgente, durante a
presente semana, a Farmácia
Franco.

«A ILHA dos Sonhos Malditos»

SABOREÁMOS com muito
gosto o interessante livro
de poesias que A. Vicente
Campinas, há já tempo deu
à estampa.

O poeta sobrevoa as regiões
do belo e muito embora não
se tenha elevado aos píncaros
da imortalidade, os seus ver-
sos são melodiosos, expressi-
vos na forma e exprimem con-
ceitos interessantes.

Não conhecemos toda a obra
literária do autor, porém, este
seu livro merece a nossa apre-
ciação.

A. Vicente Campinas, com
toda a simplicidade e sem ro-
deios de estética, às vezes pre-
judicial, exprime o seu sentir
na fácil compreensão das
ideias.

Nos seus poemas ressalta
uma nota de vida onde per-
passa o sentimento que enleia
os homens e as coisas.

Longe de fazermos uma crí-
tica a «A Ilha dos Sonhos
Malditos» apenas nos limita-
mos a felicitar o seu autor e
a agradecer, ainda que tardia-
mente, a oferta do seu belo
exemplar.

C. L.

EXAMES para Regentes de Postos Escolares

No dia 7 do próximo mês
de Janeiro realizam-se em Fa-
ro exames para regentes de
postos escolares, aos quais po-
derão ser admitidos candida-
tos que no mesmo exame não
haja reprovação há menos de
6 meses. Também não poderão
concorrer os que não compro-
varem residir há mais de 6
meses no distrito de Faro.

Toda a documentação pode-
rá ser entregue na Direcção
Escolar de Faro, de 24 do cor-
rente a 3 de Janeiro, convindo
que a mesma seja feita pes-
soalmente para se evitarem ex-
clusões.

VENDE-SE

Uma propriedade no sítio
do Alto, que consta de casas
de moradia, nora e diverso
arvoredo.

Tratar com José Mendonça
Viegas (Cerca) — Tavira.

Arrenda-se

Um faval de horta, com no-
ve alqueiros de sementeira, já
dando apanha, na propriedade
denominada «Vale Caranguei-
jo», vende-se também batata
doce.

Tratar com Henrique Gil
Romano — Tavira.

Até à Eternidade

Continuação da 4.ª página

O momento cume de «Até à Eternidade» é aquele em
que Montgomery, depois de saber da morte do amigo (Si-
natra) empunha o clarim, e na madrugada cinzenta, na
parada grande e deserta do quartel, faz ouvir um longo e
tristíssimo toque a sentido.

O alvorecer é indeciso. Tudo tem uma luz crua. Os
soldados acordam e silenciosamente aproximam-se das ja-
nelas das caserna, a sentir a homenagem que se está pres-
tando. Lancaster, ainda acordado e a trabalhar, apaga a
luz. Lá em baixo, sobre a face glabra de Montgomery
Clift, as lágrimas rolam velozes. Tenho visto muito cine-
ma. Mas esta sequência, jámais a esquecerei. É das melho-
res — talvez a melhor — a que assisti. Não são as palavras
que a traduzem. É, o Cinema, só o Cinema!

Tanto na fita francesa como na americana, os títulos
são de difícil interpretação: «Les enfants du Paradis» quer
dizer «A rapaziada do galinheiro», já que o Paradis (pa-
raíso) era o lugar mais ordinário dos teatros do velho bou-
levard do Crime. Por seu turno, «Até à Eternidade» quer
dizer que a Vida, tal como filme nos revela nos seus con-
trastes entre o Ódio e o Amor, a quietude e a aventura, a
nobreza e a baixeza dos sentimentos, existirá ontem, hoje
e amanhã, enquanto houver homens, até à eternidade.

O que interessa, para terminar, é referir aqui que Lis-
boa viveu, muito recentemente, horas altas do espectáculo
cinematográfico ao poder assistir a filme de tão alta qua-
lidade como «Les enfants du Paradis» e «Até à Eternida-
de», filmes que, só por si, bastam para honrar as cinema-
tografias francesa e americana. «Les enfants du Paradis»
foi visto por umas setecentas pessoas em Lisboa e por três
no Porso (duas sessões do Cine-Clube) e voltou a França
deixando na boca de muitos verdadeiros cinéfilos um travo
amargo de saudade. Felizmente que «Até à Eternidade»
está na exploração comercial e que o seu alto valor pode
ser apreciado por centenas de milhar de portugueses. É
um filme Grande.

Jorge Delayo

VENDE-SE

Uma morada de casas em
Cabanas de Tavira, sítio da
praia.

Quem pretender dirija-se a
José de Sousa Reis — Tavira.

VENDEM-SE

Um piano usado, uma mo-
bília de escritório e um fogão
de cozinha.

Dirigir-se à Rua Jaques
Pessoa, 16.

**A mais linda oferta são as jóias que
a Ourivesaria Mansinho ven-
de, a preços excepcional-
mente baratos, na época fes-
tiva do Natal e Ano Novo.**

Tip. "Povo Algarvio"

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS FABRICA DE CARIMBOS
EM TODOS OS GÉNEROS DE BORRACHA

OBRA SIMPLES E DE LUXO
LIVROS — REVISTAS — JORNAIS



Espingardaria «IDEAL» de Sebastião José da Luz

Armas, Munições e Acessó-
rios para Caçadores
Rádio - Relógios - Óptica
Oficina de Consertos

Agente da Companhia Univer-
sal de Seguros e Resseguros
e da Organização Comercial
da Máquina de Costura

Cartuchos de caça
carregados pelos pro-
cessos mais moder-
nos, nas principais
oficinas de Lisboa.

Pólvoras para caça
Pólvoras e rastilhos para pe-
dreiras e minas

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Telo gramas: Espingardaria Ideal
fone: 100

R. Alexandre Herculano, 6 — TAVIRA-Portugal

J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de
farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada
a um escrupuloso fabrico fazem
com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do
público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Espingardaria Algarve de Viúva & Filhos de José Viegas Mansinho-TAVIRA



Importação directa de es-
pingardas, carabinas, pis-
tolas e revólveres, das mais
acreditadas marcas.

Representante em Portu-
gal das já famosas pistolas
e espingardas «ASTRA».

Oficina de carregamento
de cartuchos superiormente
dirigida por técnico
competentíssimo.

TUDO O MAIS QUE É NECESSÁRIO
PARA TIRO DE CAÇA E DE STAND
**Preços sem competência, em parte de-
vidos às grandes quantidades compradas.**

OBRAS

Estrada de Sto. Estêvão

Já se iniciaram os trabalhos de reparação do 1.º troço da estrada Tavira-Santo Estêvão.

Energia Eléctrica

Iniciaram-se os trabalhos da empreitada da montagem do posto de transformação, na antiga central eléctrica, obra que foi adjudicada ao sr. Eng. Oswaldo Bagarrão.

Nomeação

Mediante concurso, foi classificado em 1.º lugar e colocado como funcionário do Banco Português do Atlântico em Faro, o nosso conterrâneo sr. Carlos Alberto Baptista Peres.

Senhores Proprietários

Aproveitem, no vosso interesse, a nossa moderna e completa aparelhagem de lavoura mecânica.

Pedir informações na Avenida da República, 15, em Olhão, ou na Redacção deste jornal.

Rapidez, perfeição e economia.

HORTA

Vendem-se em conjunto as duas partes de que se compõe uma horta no sítio da Egreja, junto à Estrada Municipal, freguesia de Quelfes, concelho de Olhão.

Trata o solicitador Francisco Maria Nunes, Telefone 267 — Olhão.

Grupo «Amigos de Tavira»

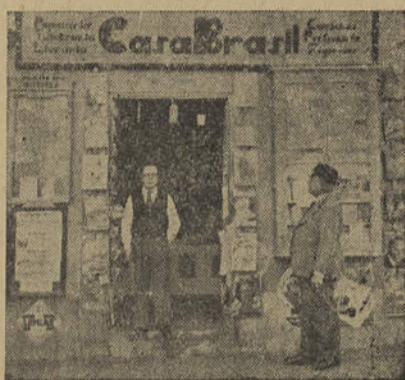
Realiza-se hoje, num restaurante de Lisboa, o 1.º Almoço de Confraternização deste Grupo, sob a presidência do Maestro-Professor Eduardo Pavia de Magalhães. Nesta reunião serão tratados alguns assuntos de certa importância para novos rumos deste Grupo. Dado o interesse que está a despertar esta reunião é de prever que a ela assistam elevado número de tavirenses e amigos de Tavira.

YOGURT

Fresco — preparação diária. Rua Dr. Parreira, 9 - Tavira.

Anuncial no «Povo Algarvio»

Esta é a casa...



que já tem à venda os

10.000 contos
da Lotaria do Natal

Habilite-se desde já na

CASA BRASIL
MANUEL ALEXANDRE

Rua da Liberdade - TAVIRA

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Aida Hermegilda Lopes Ferro Madeira, D. Rita dos Santos Pires e sr. José Oliva Diniz Padinha.

Em 6 — D. Maria José Gonçalves e sr. José Nicolau das Chagas.

Em 7 — D. Maria da Encarnação Martins, D. Maria da Conceição Monteiro Santos, D. Maria do Carmo Pereira, srs. Orlando Tomás Ribeiro Lourenço e António Viagas Júnior.

Em 8 — D. Maria Eugénia da Conceição Pinto Pires, D. Luísa da Conceição Pires, D. Angelina da Conceição Chagas Quintas, srs. Jacinto da Conceição Pereira, Renato Santos e José da Conceição Cardoso.

Em 9 — D. Maria das Dores Pires Soares Águas, D. Marília Irene Palma Galhardo Lopes da Ponte, srs. Arquimedes Serrano Lourenço e João Marcelino Ribeiro Fernandes.

Em 10 — D. Maria Brito dos Reis Silva, srs. Paulo Gonçalves Raimundo e Dail Ginistal da Costa Campos.

Em 11 — D. Irene Julieta Soares Ramos, srs. José Joaquim Parreira Faria, Arnaldo Fagundes Peres, Ciriaco Trindade e Manuel de Sousa Rosa.

Partidas e Chegadas

Esteve nesta cidade, o sr. Dr. José Teixeira de Azevedo, distinto advogado em Lisboa.

— Esteve em Faro, com curta demora, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dr. José Aboim de Ascensão Conreiras, distinto médico hidrologista, residente em Lisboa.

— Com sua esposa, encontra-se na capital, o nosso prezado amigo sr. Cap. Jorge Ribeiro, Presidente da Câmara Municipal.

— Regressou da Capital o sr. Manuel Solésio Padinha, proprietário, residente nesta cidade.

— Depois de ter passado alguns dias nesta cidade, regressou a Beja o nosso prezado assinante sr. Capitão José Inácio da Conceição.

— Com sua esposa, regressou da capital o sr. Marcelino Augusto Galhardo, proprietário e industrial nesta cidade.

— Com sua esposa, foi à capital o sr. José Filipe Ribeiro, agente técnico de Engenharia.

— Foi à capital o sr. Victorino Castanho Soares, proprietário do Café Arcada e nosso prezado assinante.

— Seguiu para a capital onde foi consultar a medicina, o nosso assinante sr. José Maria Valentim, comerciante nesta cidade.

— Acompanhado de seu esposo, vimos nesta cidade a sr.ª D. Maria Emilia Ribeiro de Biondo, nossa assinante residente em Lisboa.

— Acompanhada de sua filha e esposo sr. Alfredo Vilela de Macedo Alves, encontra-se nesta cidade de visita a seus pais a nossa conterrânea sr.ª D. Célia Monteiro Baptista de Macedo Alves, residente no Porto.

— Acompanhado de sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e assinante sr. Nuno Falcão Ponce, proprietário, residente em Lisboa.

Doente

Tem passado incomodado de saúde o nosso assinante sr. George Rosado, funcionário da Câmara Municipal.

Desejamos-lhes rápidas melhoras.

Dos Livros... Livros

e Revistas

O Caso do Pato Afogado

A «Editora Livros do Brasil», sempre na preocupação de bem servir o público e de lhe proporcionar o que de melhor se edita no estrangeiro, acaba de anunciar que Erle Stanley Gardner, um dos seus autores mais famosos e apreciados da «Coleção Vampiro», assinou recentemente o que pode considerar-se o maior contrato literário negociado até hoje. Esse contrato firmado entre o famoso escritor e o seu editor norte-americano, foi rotulado sob a designação do «Contrato de Meio Milhão de Dólares», e por ele ficou estipulado que Stanley Gardner receberá o melhor de quinhentos mil dólares, durante um período de cinco anos, pelos direitos mundiais em livro de uma nova série de romances policiais, tendo por figura central o apreciado Perry Mason. Para se aqilatar o valor total deste importantíssimo acordo, basta salientar que, nos direitos incluídos em tão astronómica verba, não se contam os de publicação dos romances na conhecida revista «The Saturday Evening Post», a qual costuma inseri-los em folhetins.

Por coincidência, nesta mesma altura, a «Coleção Vampiro» proporciona aos admiradores do simpático advogado-detective e da sua encantadora secretária Della Street, mais uma aventura sensacional e emocionante que tem por título «O Caso do Pato Afogado».

Desta vez Perry Mason, levado para o seio de uma família de milionários em que se jogam reputações por causa de um casamento considerado inconveniente, chega a conclusões imprevisíveis e desconcertantes para desvendar o seu novo «caso», graças a um pato que se afoga...

Com este ponto de partida aparentemente singular e simples, processua-se um livro de trezentas páginas repletas de mistério e de interesse, o que aliás não constituirá surpresa para quem conhece a categoria do escritor e dos «casos» anteriormente publicados na «Coleção Vampiro».

Assina! o «Povo Algarvio»

Já V. Ex.^{as} provaram o vinho da marca

NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, porque certamente passará a ser o vosso Vinho preferido.

Delicioso em aroma e paladar

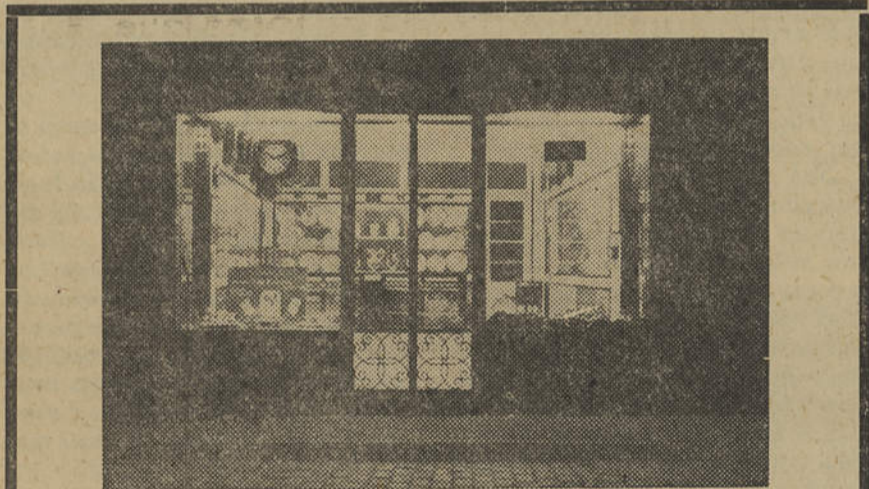
Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado

“NAMORADO”

é a marca registada da firma J.A. Pacheco, de Olhão

Avenida da República, 202

A' VENDA EM TODOS OS SEUS DEPÓSITOS



Relógios Heloisa 19 Rubis

Com certificado de garantia em caso de acidente durante um ano

À VENDA NA

Ourivesaria Gonçalves
TAVIRA

Telefone 102

J. PRETTO GUERRA

A quem sai este rapaz?!...

QUIM era um garoto absolutamente indisciplinado, traquinas e teimoso, mau como as cobras, na opinião de quem o conhecia. Actuaria sob o império do instinto ou do leite da ama? Se eram os impulsos do leite que o dirigiam, não desdizia o aforismo popular: «ou leite ou criação». Entenda-se por criação a educação que lhe não faltava, mas que nele era ineficaz. Tinha sido amamentado pela Ana de Loulé, mulher dum companheiro da armação do Ilheu das Gaiotas que tinha fama de desordeira e palradora. Quando na praia assistia às lotas dava chuis ar-

reliadores dos pregoeiros com gaúdio dos almocreves. Verdade que nestas baldas também as pexitas não lhes ficavam atrás. O marido, o Zé Chicharro, pelo contrário, tinha fama de bonacheirão. Era o prototipo do pescador que Alberto de Sousa e Maria Emilia Leite com tanta justesa retrataram.

A mãe tinha escrúpulos de consciência por não ter escolhido melhor, mas não aparecera outra na ocasião.

A grande preocupação de D. Cândida era a de inquirir de parentes e amigos: *A quem sai este rapaz?*

Dos treze filhos, que tivera, era este o mais travesso. Não

se parecia com os irmãos, nanja com antepassados que conhecesse directamente ou por tradição.

D. Cândida, desaminada, recolhia-se ao oratório e pedia a Deus que lhe metamorfozeasse o filho ou que para Si o levasse.

Quando se lhe dirigia: Se te crio p'ra má sorte Antes Deus te dê a morte.

Extremamente religiosa, a pobre senhora, lembrou-se de ir um domingo, à sacristia expor o caso do garoto ao Senhor Prior, o Padre Calixto da Silva, que o baptizara, para que a informasse se culpa lhe cabia no facto do rapaz ter saído tão mausinho pela ama que lhe dera. O prior, depois de a ter ouvido com toda a atenção, carinhosamente, afirmou:

— Não creia, minha senhora, que a ama de seu filho lhe tenha transmitido as qualidades a que aluliu.

Como o bom do Padre Calixto, se bem que lhe aliviasse a consciência, não a esclarecesse sobre a incógnita, que a atormentava, resolveu consultar o Dr. Beles.

O Dr. José Marciano Correia Beles, natural de Faro, era nessa época médico do Compromisso Marítimo e da Câmara e tinha sido médico militar, Director clínico das Caldas de Monchique e exercido na sua terra natal. Além disso chegou a Sesimbra precedido da fama de médico muito sabedor e ilustrado que até era sócio da Sociedade de Ciências Médicas onde apresentara comunicações de grande valor científico e colaborava no seu jornal. Já, quando estudante em Coimbra, se salientara a ponte de ser nomeado capitão do Batalhão Académico. D. Cândida entendeu que este seria a pessoa idónea para a esclarecer a respeito da psicologia do Quim. Conhecia-o bem

pois o Dr. Beles com seu cunhado José António Pereira tinham sido os fundadores e animadores do Grémio Literário Artístico Sesimbrense. José António Pereira, egresso agostiniano, foi secretário da Câmara, notário e professor de latim e música. Morreu administrador da ex — Casa Cadavál.

— Que deseja minha senhora? Isto foi dito com o seu habitual mau humor.

— Senhor Dr., este pequeno é diabólico, não o posso aturar.

A quem sai este rapaz?

— Para isso me chamou a senhora?!

Depois mais calmo:

— É muito difícil responder à sua pergunta enquanto não conhecer um grande número dos seus antepassados e de seu marido.

— Aos que conheci ou de quem ouvi referências, não sai ele.

(Continua)

Até à Eternidade

a sensacional película do momento
é uma obra colectivista como

Les enfants du Paradis

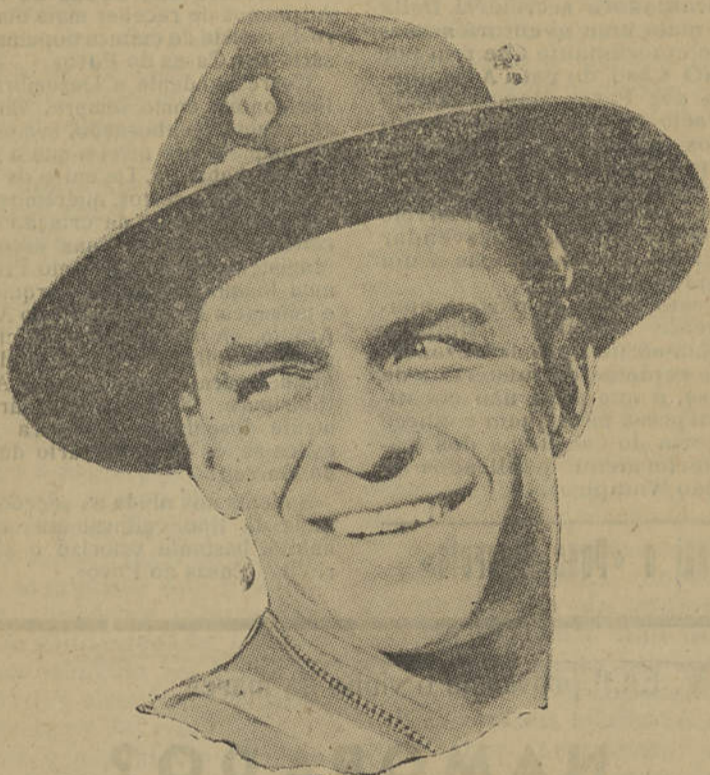
o «clou» da Retrospectiva do Cinema Francês

ESTES últimos quinze dias foram de especial azáfama para o crítico e para o espectador. Não bastou a semana do Cinema Francês, com retrospectiva, «cock-tails» e arte-estreias; apresentou-se também em duas das maiores salas de Lisboa «Até à Eternidade» o filme que toda a gente aguardava com maior ou menor impaciência, dado o número record de prémios que obteve em todo o mundo e dado o êxito de bilheteira registado nos cinco continentes.

O crítico que andou de um lado para o outro viu na retrospectiva do Cinema Francês esse monumental «Les enfants du paradis» e notou poucos dias mais tarde ao assistir à estreia de «Até à Eternidade» que ambos os filmes, da craveira mais alta do cinema mundial, tinham bastos pontos de contacto.

A longa película francesa que Marcel Carné subscreve, evoca a atmosfera pitoresca do «boulevard du Crime», estuda minuciosamente a psicologia dos seu interventores e para ligar os elementos subjectivos, preocupa-se com uma história de amor entre um Pierrot e uma Columbina não dos tempos modernos mas de uma gritante vivacidade humana.

Em «Até à Eternidade» (From here to eternity) evoca-se a pesada atmosfera dos últimos tempos anteriores ao ataque japonês a Pearl Harbour, define-se a psicologia



Frank Sinatra que obteve um Oscar na sua excepcional interpretação em «Até à Eternidade»

dos títeres deste drama e deixa-se que os elementos se reunam poderosamente na simples história de amor entre o sargento Warden (Burt Lancaster) e a esposa do capitão Holmes (Deborah Kerr).

A virtude de ambos os filmes reside no vigor da realização mas acerta também em pormenores de ordem técnica dos quais o mais saliente é o aproveitamento esmagadoramente belo do som e dos leit-motifs da música de fundo.

Ambos são longos, embora «Les enfants du Paradis» exceda em muito a normalidade, e nos dois a fotografia ocupa um lugar de tão saliente relevo que a de «Até à Eternidade» foi premiada com o respectivo Oscar.

Acerca da excelência da fotografia destes filmes tenho algo a dizer. O que quero recordar é ser normalmente considerada boa fotografia a que é mais rica de contrastes ou de efeitos. Ora estas características destinam-se aos filmes individualistas; ao contrário, nos colectivistas, onde cada um dos múltiplos personagens tem o seu valor em cada momento, a fotografia deve procurar a nitidez de todos os planos e uma iluminação difusa que não saliente uns em detrimento de todos.

É encarado neste aspecto técnico e estético que se compreende o galardão justíssimo que distinguiu a fotografia de «From here to eternity».

Elencos longos e uma interpenetração da história salientam as películas de que nos vimos a ocupar. Na francesa encontramos Jean Louis Barrault, Arletty, Brasseur, Maria Casarés, Pierre Renoir e muitos outros. Em «Até à Eternidade» cinco dos mais apreciados astros do cinema saxónico: Deborah Kerr, Burt Lancaster, Montgomery Clift, Donna Reed e Frank Sinatra. Naquela encontramos — com dificuldade — um elemento excepcional entre tantos muitos bons: Jean Louis Barrault. Nesta, o mesmo sucede e nas mesmas condições: Frank Sinatra.

Em «Até à Eternidade» não sabemos se dar mais valor, se ligar mais interesse ao amor de Burt Lancaster por Deborah se ao que une Clift a Donna Reed. Em «Les enfants du Paradis» não sabemos se devemos considerar mais o amor diverso que a Arletty dedica Brasseur (amor sensual), Harrand (amor cerebral), Salou (amor protector) e Barrault (amor humilde e apaixonado de um simples palhaço).

Curioso é também registar que os mais altos e espetaculosos momentos dos dois filmes são desempenhados apenas por um actor, um desprezando o som e o outro vivendo apenas do som. Vejamos:

O mais empolgante momento do filme de Marcel Carné é aquele em que Jean Louis Barrault, no seu traje largo de palhaço e na sua expressiva mímica conta à polícia o facto a que assistira e inocentiza Arletty.

(Continua na 2.ª página)

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

FESTA

DA

PADROEIRA

de Portugal

Para encerramento do Ano Mariano, celebra-se tríduo solene na Igreja e no altar de Santa Maria, nos dias 5, 6, 7 de Dezembro, às 21 horas, com benção do Santíssimo e pregação pelo Rev. Pároco. São convidados de modo especial para estas comemorações todos os elementos das obras católicas da cidade: — Ordens Terceiras, Pias Associações dos Cruzados de Fátima, do Apostolado da Oração, Senhoras de Caridade, Acção Católica, Organização dos Escuteiros Católicos, Mocidade Portuguesa Masculina e Feminina. No dia 8, às 9 horas, missa cantada e comunhão, leitura da mensagem da M. P. a Nossa Senhora da Conceição. Às 11 horas, missa e homenagem da M. P. F. e consagração das Mães a Nossa Senhora. Ao fechar o Ano Mariano, queremos elevar ao trono da Rainha Imaculada preces ardentes e fazer ás almas cristãs um fervoroso apelo para prepararmos a grande missão do próximo mês de Janeiro. Começaremos desde já a preparação para tão importante acontecimento religioso. Realiza-se com as benções da Virgem Peregrina de Fátima. É a mesma Senhora, Padroeira de Portugal, a Senhora da Conceição.

(Da Secretaria Paroquial)

VIDA DESPORTIVA

Campeonato Nacional de Futebol

da II Divisão (zona sul)

Na 13.ª jornada, que se disputou no passado domingo, os três representantes algarvios levaram de vencida os seus adversários. O Farense, em Lisboa, bateu o Olivais por 3-2, tendo subido de quinto para o terceiro lugar. O Olhanense, em casa, derrotou o Coruchense por 3-1. Em Portimão, o Portimonense venceu o Juventude de Évora por 4-0.

Hoje, disputam-se os seguintes encontros:

Olhanense-Montijo; Portalegrense-Farense; Beja-Portimonense; Almada-Coruchense; Olivais-Estoril; Montemor-Arroios; Oriental-Juventude.

Tabela da classificação geral

	J.	V.	E.	D.	P.
Oriental . . .	13	10	2	1	22
Estoril . . .	13	8	3	2	19
Farense . . .	13	7	3	3	17
Montijo . . .	13	8	1	4	17
Coruchense . .	13	7	2	4	16
Olivais . . .	13	7	—	6	14
Portimonense	13	5	4	4	14
Beja	13	6	1	6	13
Olhanense . .	13	6	1	6	13
Portalegrense	13	4	2	7	10
Almada . . .	13	2	4	7	8
Juventude . .	13	3	2	8	8
Arroios . . .	13	2	2	9	6
Montemor . .	13	2	1	10	5

Futebol em Tavira

Hoje, pelas 15 horas, realiza-se um grandioso desafio entre as equipas locais do Sporting Club Tavirense e Sport Benfica e Tavira, com entrada grátis.

Porta e Janelas

Vendem-se uma porta e duas janelas de sacada.
Nesta Redacção se informa.

Regresso Invisível

Um conto de Jarmila Baptista

A VASTA sala, com seus móveis caros, reposteiros de veludo, faianças e vidros de valor, continua envolvida na semi-obscuridade que a chama da lareira lhe empresta.

Sombras vagas, as vagas sombras das labaredas sempre inquietas, vagueiam pela sala, percorrendo as paredes cobertas de quadros antigos, numa corrida indecisa e incostante por todo o aposento.

A quebrar o silêncio, o eterno e monótono tic-tac, duma cadência que cansa e esgota os nervos. Como nota alegre, o estalar da lenha que, depois do duro combate com as chamas, se rende, vencida, ao seu abraço coleante.

E, frente à lareira, indiferente a essa luta fugaz, ao pesado silêncio que envolve a sala e ao tic-tac sempre igual, envolvido na nuvem azulada que se desprende mansamente do inseparável cachimbo, ele queda-se absorto.

Fita sem ver, a pequenina mesa colocada junto dele, mesa pequenina, para um só. Mas, só para um?

Sobre a toalha alva, bordada caprichosamente por mãos finas de mulher, brilham, denunciadoras, duas taças — taças de cristal, orladas por um fio dourado, que brilha na singeleza da sua linha, que se oferece, provocante, ao contacto duns lábios sequiosos.

O tempo continua a correr, num esforço feito de cansaço, cansaço que alcançou ao fim de 365 dias.

Nove, dez onze badaladas. O silêncio continua pesado e igual. Ele ergue os olhos quase a medo, fita-os nos velhos ponteiros que se movem lenta, muito lentamente, e aí os deixa ficar com indiferença.

Soa um murmúrio leve na calçada: primeiro indefinido, depois acentuado — parece mais um soluço, um segredo, do que passos de mulher.

A sombra da incerteza perpassa rápida, como rápidas perpassam todas as sombras que o envolvem. Escuta e espera...

... Caem, duras, compassadas, monótonas, as doze badaladas que soam como doze gargalhadas — gargalhadas cheias de troça, de cepticismo, de desdém, desdém que o ano velho sente pelo novo: desdém pelas esperanças que nascem, pelos sonhos que se acalentam, pelas desilusões que se deixam para trás, num abandono consciente e alegre.

O ano velho partiu: nasceu o ano novo. E, com ele saltou, com estampido, a rolha da garrafa de «champagne».

O líquido doirado borbulha, inquieto, convulsionado, e por fim canta alegremente de encontro ao cristal raro das taças acolhedoras — elas erguer-se-ão, no rito habitual dos desejos que se definem, de insatisfações que se esboçam, de esperanças que se adivinham e que quase sempre se evaporam, como esse «champagne» doirado que lhes deu vida e cor.

Mas, que importa? Confusa, diluída na nuvem de fumo que se ergue em espirais sobre o cinzeiro de bronze, a sombra dela vai crescendo marcando a sua presença...

E ele recorda...

Faz um ano... Onze badaladas no velho relógio (Há três anos seguidos que as ouve ali, no rico solar, no mesmo dia — fim de ano).

Alegrias em todas as casas; sinos bimbando em todas as capelinhas e catedrais; preces e desejos em todas as almas; felicidade e esquecimento sobre o mundo que sorri.

E ele, só. Envolvido nas mesmas sombras, acompanhado pelo mesmo vácuo e remorso.

E como hoje recorda... Dois fins de ano cheios de felicidade, na solidão e conforto do velho solar. Rolhas de garrafas saltando com estampido, taças de cristal acariciadas pelas suas bocas que se unem, num desejo de felicidade no ano que começa.

Mas estava só! Doze badaladas caíram; uma porta que se abriu; uma gargalhada que soou alegremente; uns braços que o envolveram e uma boca veio selar, num beijo, o perdão dum sofrimento.

Nada disseram. O esquecimento e a felicidade que envolviam o mundo desceram até eles, e foi tudo.

Depois... os projectos dele de não recomeçar a vida que os afastara diluíram-se, apagaram-se por completo...

E agora, de novo, fim de ano.

A memória acende-se-lhe caprichosamente; o vácuo acentua-se, com esse recordar; e o recordar aviva-lhe o remorso, esse remorso que o magoa, que o faz sofrer como há um ano.

Porque veio de novo ao velho solar? Porque procurou a semi-obscuridade da sala, o conforto do crepitar da lenha, a mesma mesa, as mesmas taças? Porque escutou o arrastar lento do andamento do velho ano, que se incarnou no tic-tac da pêndula?

O desejo de que se repetisse o mesmo fim de ano; o desejo de que o vácuo desaparecesse e fosse preenchido pela presença dela.

Quería o seu perdão silencioso e ergueu-se, para se aproximar mais.

Custava-lhe vê-la através da cortina de fumo; queria falar-lhe, pedir-lhe que brindasse também, acariciá-la para a fazer esquecer. Quería ainda mais; queria as suas gargalhadas que espalhavam felicidade, os seus braços que o enlaçavam com meiguice, o carinho desses olhos que o sabiam censurar silenciosamente — queria-a a ela, porque era seu marido...

Ergueu a taça que continuava cheia, brilhando, isolada, entre as garrafas que fora esvasiando inconscientemente, e depô-la nas mãos que mal distinguia.

E ela riu. Eram as suas gargalhadas cristalinas que ouvia, mas que cessaram como por encanto.

Não compreendeu.

Olhou, atônito, a taça estilhaçada no chão, e riu. Ela tinha vindo, ouvira-a gargalhar, e estava lá fora: Sentia-lhe os passitos leves — a chuva continuava a cair na calçada, num soluçar irregular e monótono.

Era feliz. Tinha a felicidade e o esquecimento que envolvia o mundo — o «champagne» que o fazia rir!!!

Dr. FERNANDES LOPES

Clinica geral, médica e cirúrgica
Consultas todos os dias úteis, das 15 às 18 h.
na Rua da Liberdade, 95-TAVIRA

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNÓSTICO-TOMOGRAFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA-SONS
Ciática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS
FARO—PORTIMÃO tefs. 368